



## DESENHO DE UMA VIDA : CRÔNICA SOBRE JORGE FÉLIX DE SOUZA

Nancy Ribeiro de Araújo e Silva<sup>1</sup>

A motivação deste estudo, misto de história e memória, teve origem numa conversa com o autor da *Identidade art déco de Goiânia*, Wolney Unes (2008). Veio à baila a constatação de que o engenheiro-arquiteto Jorge Félix de Souza era pouco conhecido e, a bem dizer, praticamente esquecido. Dessa evidência, resultou-me o despertar da consciência de que algo deveria ser feito de forma a propiciar maior conhecimento sobre esse pioneiro da primeira hora da construção de Goiânia. A redação que se segue tem por fontes as lembranças da autora, escritos do acervo pessoal e do de pessoas de suas relações, dados hauridos mediante relatos, documentos narrativos da história de instituições de ensino de Goiás, e ensaios genealógicos que deram luz para se nomear os entes da teia familiar do biografado.

### **O profissional e o ser humano**

Em poesia, Jorge Félix de Souza traduziu seu jeito e modo de ser.

#### **Auto-Retrato**

Sertanejo, tosco e mal acabado,  
Figura sem prumo, deselegante,  
Eu descobro em mim a cada instante  
O tabaréu bronco e desengonçado.

<sup>1</sup>Douta em Educação pela USP. Professora aposentada da Faculdade de Educação da UFG.

A fala arrastada e titubeante,  
Andar apressado, desconfiado,  
A barba por fazer e o ar cansado  
Dos capiaus de meu sertão distante.

Filho legítimo dos sertões sem fins  
Trago na minh'alma estereotipada  
As selvagens rechãs do Tocantins.

No olhar triste a eterna saudade  
Que lembra a fisionomia amargurada  
Dum vaqueiro perdido na cidade.

19/10/54

E, assim, descobrimos outro talento do nosso professor de Desenho: o de poeta. Novas surpresas me aconteceriam sobre ele, no correr de minha vida. Quanto ao soneto *Auto-Retrato*, ele o manuscreeu no meu álbum de recordações de aluna do 3º ano científico do Colégio Santo Agostinho. Daí para frente, outras colegas solicitar-lhe-iam um registro recordativo. Nossa turma era pequena e de respeitoso entrosamento com os professores: Egidio Turchi, Edmar Ferreira Fleury, César Ribeiro de Andrade, João Jacintho de Almeida, Genesco Ferreira Bretas, os agostinianos Pe. Alípio Martinez e Pe. Modesto Santamarta Yugueros.

Jorge Félix de Souza foi o professor de Desenho durante os três anos do curso. Pouco falava de si, sabíamos que era formado em engenharia. Recordo-me dele em sala de aula, trajando sempre calça e camisa em tons claros. O estimado mestre tinha aparência humilde, sem ostentações, quer no vestir quer no que se referisse a vanglórias pessoais ou da família. Às vezes, falava com entusiasmo na esposa, Dora (Doraci). Residia na Av. Paranaíba, 495, quase esquina com a Av. Araguaia, numa casa amarela, com alpendre, de traçado arquitetônico semelhante a tantas e tantas outras da nova capital, principalmente como as daquela região, então um bairro essencialmente residencial.



Auto-retrato  
 Jorge Felix de Souza

Sertameyo, torto e mal acabado,  
 Figura sem prumo, deselegante,  
 Eu descubro em mim a cada instante  
 O tabaréu bronco e desengansado.

A fala arrastada e titubeante,  
 Andar gressado, desconfiado,  
 A barba por fazer e o ar cansado  
 Dos capangas de meu sertão distante.

Filho legítimo dos sertões sem fins  
 Trago na minha alma estereotipada  
 As selvagens recrias do Tocantins.

No olhar triste a eterna saudade  
 Que lembra a fisionomia amargurada  
 Dum vaqueiro perdido na cidade

19/10/54

O “Dr. Jorge”, como nós o chamávamos, quase sempre vinha para o colégio na sua bicicleta, um meio de transporte comum na Goiânia daquele tempo, quando poucas eram as pessoas que possuíam automóvel, e as ruas pertenciam aos pedestres e *pedaladores*. Geralmente, cobria a cabeça com um chapéu tipo capacete, desses que os engenheiros usavam para fiscalizar obras. De bicicleta ia, também, para a, então, Escola Técnica Federal, onde já lecionava desde 1945 e da qual seria diretor nos anos 1967 e 1968. A colega Terezinha Maria Bravo, residente em Anápolis, Goiás, em carta à autora (26/1/2009), o recorda assim: “Lembro-me da sua singeleza e simpática pessoa e de suas brilhantes aulas de Desenho no Colégio Santo Agostinho”.

Deve ser acrescentado ser ele assíduo e muito cumpridor de seus deveres. Suas aulas, sem favor nenhum, eram ministradas com notória competência. Percebia-se que detinha profundo conhecimento sobre o assunto do qual falava. Sempre nos dizia: “não tenham receio de inovar, nem busquem a igualdade simétrica em tudo, pois nem a natureza é igual, numa mesma planta as flores não são rigorosamente idênticas”. Desenho geométrico era o programa da disciplina que ministrava; logicamente, incluía o estudo de perspectiva, coordenadas, paralelas etc. Era pesadíssimo. Às vezes, tirava medidas da sala de aula para exemplificar alguma explicação. Sem muita aptidão para esta área – e ele não dava nada de graça! – penei bastante. Mas sempre passei de ano. É preciso abrir um parêntese para esclarecer que se obedecia ao programa ditado pelo Ministério da Educação, nos termos da Lei Orgânica do Ensino Secundário, decorrente da Reforma Capanema (Decretos-Leis n. 4.244, de 9/4/1942, e n. 8.347, de 10/12/1945), determinadora de que, no curso científico, a formação intelectual deveria ser marcada por um estudo maior de ciências.

Marca indelével do Dr. Jorge estava na religião, era católico praticante. No álbum de recordações da Terezinha Maria Bravo ele compôs (novembro de 1954) um poema desnudando sua religiosidade.

### **Fidelidade**

Meu Deus:

Que me importa se Te sinto inatingível  
Se sei que Te sabes procurado?

Que me importa se canso em procurar-Te  
Se sabes que em buscar-Te persevero?  
Basta-me que Tu saibas que Te quero,  
Que procuro Tua alma em toda a parte.

Que me importa, meu Deus, se Te procuro  
Por horas interminas e infinitas  
Se dentro desta alma eu sei que habitas  
Como um raio de luz num quarto escuro?!

Sim, por mais que fujas,  
Hás de ver sempre que, a Teus pés, prostrado,  
Um coração amargurado  
Ergue para Ti as suas mãos sujas.

Que Te escondas de mim, oh, não me importa...  
O que me anima e alenta é essa esperança  
É a certeza que a perseverança  
Acabará abrindo a Tua porta.

Hei de seguir-Te.  
E amargurado em provação tamanha  
O meu gozo único é saber que sabes  
Que Tua criatura, humilde, Te acompanha.

Só me importa, Senhor, contrito choro,  
Quando o pecado Te expulsando d' alma  
Vejo a Teus pés quebrada a verde palma  
Do Teu adorado Amor que tanto adoro.

No curso de Pedagogia, nós o reencontraríamos na Faculdade de Filosofia de Goiás (que funcionava no Colégio Santo Agostinho), como lente de Complementos de Matemática, no 1º ano<sup>2</sup>. Nessa faculdade, ele já lecionava desde o ano de 1949, quando se iniciaram as atividades dessa instituição-berço da Universidade Católica de Goiás<sup>3</sup>. Assinala-se que seu ingresso naquele magistério superior deu-se em substituição ao professor indicado para Complementos de Matemática, Ary Demosthenes de Almeida, que, pela formação curricular, não atendeu às condições requeridas pelo Ministério de Educação. O professor Ary Demosthenes de Almeida, que tão relevantes serviços prestou a Goiás, lecionara Ciências no curso ginásial do Santo Agostinho e seria um dos fundadores (1950) da Faculdade de Ciências Econômicas de Goiás, na qual lecionaria durante quatro anos<sup>4</sup>.

Na qualidade de engenheiro civil (reg. n. 252, matrícula n. 14), Jorge Félix de Souza participou da fundação da Faculdade de Filosofia de Goiás. Haja vista que, com o engenheiro-cartógrafo José Amaral Neddermeyer (reg. n. 272, 5ª Região) foi declarante, perante o Ministério de Educação, das condições oferecidas pela Arquidiocese de Sant'Ana de Goiás em relação à *Sociedade de Educação e Ensino de Goyaz*, criada para ser a mantenedora daquela Faculdade cujo processo de autorização de funcionamento andava em tramitação. Declararam os signatários que o montante da massa patrimonial remontava a cinco milhões de cruzeiros, estando todo "o patrimônio livre e desimpedido de qualquer ônus"<sup>5</sup>. Ele seria ainda cofundador da Sociedade Goiana de Cultura, a qual, por iniciativa de d. Fernando Gomes dos Santos, arcebispo metropolitano de Goiânia, foi criada em 24 de outubro de 1958 para suceder àquela primeira mantenedora<sup>6</sup>; estava, então, tentando começar a funcionar a Universidade Católica de Goiás, portanto ele participou da fundação dessa cinquentenária instituição.

2 Cf. *Relatório do 1º período de 1949*, Faculdade de Filosofia de Goiaz, fls. 8, 20 ago. 1949. Secretaria II da UCG. Goiânia, Goiás.

3 Seguramente, Jorge Félix de Souza lecionou Elementos de Matemática, para o curso de Pedagogia, até 1955. Em 1949, 1º ano de funcionamento da Faculdade, suas aulas, pelo calendário, eram ministradas nos dias de 2ª-feira, 6ª-feira e sábado, no horário das 7h40m. In: *Relatório do 2º período da Faculdade de Filosofia de Goiaz*, fls. 17, 25 fev. 1950. Secretaria Geral II, UCG, Goiânia, Goiás.

4 ARAÚJO, Délio Moreira, Professor: Faculdade de Ciências Econômicas de Goiás. Estudos – *Revista da Universidade Católica de Goiás*, Goiânia, n. especial, p. 6 e 34, nov. 1985.

5 Cf. *Relatório do pedido de funcionamento*, 1948. Goiânia, 21 ago. 1948. Secretaria II da UCG. Goiânia, Goiás.

6 Cf. Livro de *Atas da Sociedade Goiana de Cultura*, fls. 109-110. Arquivo da Cúria Metropolitana. Goiânia, Goiás.

Há não muitos anos, lendo literatura específica, vim a saber do que o nosso professor, tão modesto e destituído de vaidade, não nos contara. Jorge Félix de Souza foi o projetista do Teatro Goiânia, do Coreto da Praça Cívica e da Igreja da Paróquia Imaculado Coração de Maria. Sobre a importância arquitetônica e urbanística dessas edificações de estilo *art déco*, basta lembrar que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) cuidou de proceder ao seu tombamento. Das três edificações, a última a ser construída foi a Igreja Imaculado Coração de Maria, erguida na confluência da Av. Araguaia com a Av. Paranaíba. Essa construção teve início na década de 1940. Lembro-me que, menina, interna no Colégio Santo Agostinho, a pedido do capelão Pe. João Alcibar, claretiano, a Madre Maria Rita Bretas distribuiu-nos tómbolas para que vendêssemos nas férias de julho. Duas internas apenas atenderam a esse pedido, Flávia Soares<sup>7</sup> e eu. No meu caso, minha mãe, Laudicena Araújo Ribeiro, nos dias da festa de Nossa Senhora da Piedade, em Bela Vista, solicitou do sobrinho Adail Araújo Monteiro que comprasse a rifa, no valor total de Cr\$ 25,00. Esse fato deixa entrever que foi com sacrifícios que o referido templo foi construído. Deixando tais lembranças de lado, a Igreja Imaculado Coração de Maria ostenta uma beleza ao mesmo tempo simples e majestática, inspirando paz. No seu interior, encontram-se três estilos arquitetônicos: o salomônico, o romano e o bizantino.

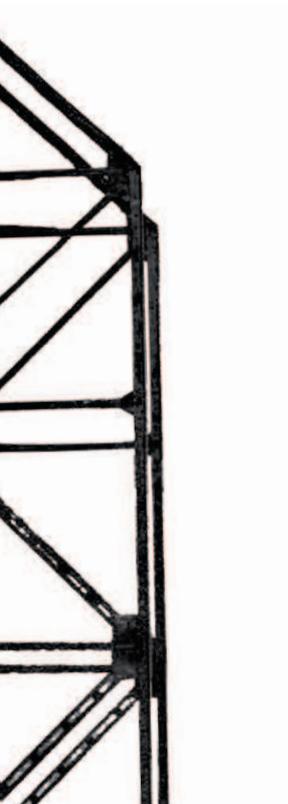
O diácono Antônio Moreno, colombiano naturalizado brasileiro e claretiano congregado, de lucidez e

energia invejáveis pelos seus 89 anos de idade, recorda a vivência com Jorge Félix de Souza de quem confessa ser admirador em razão da sua inteligência, cultura, trabalho, humildade científica e fé cristã. Ele se compraz em descrever a arquitetura traçada pelo Dr. Jorge para essa igreja. Nela, explica, as colunas redondas são cópias do templo de Salomão, as quadradas são romanas, e acima destas estão os capitéis em estilo bizantino com medalhões trazendo uma efígie imperial ou algum decreto. Os três estilos conjugam-se harmonicamente. As colunas são ligadas por arcos, em número de quatro, formando a cruz de Cristo. Os arcos estão distribuídos da seguinte forma: um na entrada, outro no altar e dois nas laterais. Originalmente, na construção dos arcos usou-se massa de gesso com sebo de gado para fazer a liga, uma vez que o cimento vinha da Inglaterra e custava muito caro. Muitos anos depois, foram reforçados com ferro e cimento.

As quatro colunas salomônicas, que ficam nos quatro cantos da nave central, são representativas dos quatro evangelistas: São Mateus, São João, São Marcos e São Lucas. Simbolizam as grandes pilastras da Igreja Católica Apostólica Romana, ou seja, os quatro evangelhos. Para o diácono Antônio Moreno, somente alguém com profundo conhecimento da doutrina da igreja católica e dotado de uma fé convicta poderia arquitetar uma obra com tanto simbolismo religioso.

Registra-se que a Igreja Imaculado Coração de Maria foi concluída quando a paróquia era dirigida pelo Pe. Isidro Balsells Pons, C.M.F., espanhol, nascido em 1906 em Lérida e falecido em Goiânia em 1962. Homem culto, além das funções sacerdotais, foi, como Jorge Félix de Souza, professor fundador da Faculdade de Filosofia de Goiás, onde lecionou as disciplinas Língua e Literatura

<sup>7</sup> Flávia Soares morava em Jaraguá, Goiás, atualmente reside em Goiânia. Sempre foi muito dedicada ao Colégio Santo Agostinho. É conhecida da sociedade local pelo trabalho de rotariana, presidente do Rotary Club Goiânia Sul, e de sorotimista, entidade da qual foi governadora internacional/ Região Brasil e diretora da Federação Sorotimista das Américas.



Espanhola, e Literatura Hispano-Americana<sup>8</sup>. A dimensão da figura humana de Jorge Félix de Souza não se esgota por aqui. Dele diz o engenheiro civil José Alves de Freitas, seu aluno no curso de Edificações da Escola Técnica Federal de Goiás, o seguinte:

Foi em 1970. Foi aí que o conheci. Ele era o nosso professor de 'Estabilidade'. Lembro-me como se fosse hoje... Num gesto muito seu, assim como quem fala de uma coisa imutável, decidida, repentinamente vaticinou: 'você vai ser o meu substituto!' Aquele tom profético jamais se apagaria da minha memória. Mal sabia que aquele era um desses momentos em que os entes se fazem iluminados. Era um bafejo da inspiração, comum nos homens que adotam o bem como um sacerdócio. Missionários. Foi assim que comecei a admirar o grande Mestre. Várias passagens ficariam gravadas como nobres indicativos para minha formação. Aprendi a respeitá-lo não apenas pelo que me ensinava, mas acima de tudo pelo que ele era. [...] Como todo Educador nato, o seu desprendimento ultrapassava os muros da Escola<sup>9</sup>.

Segundo esse depoente, a trajetória profissional do Dr. Jorge marcou-se pelo trabalho no magistério e em obras de vulto: engenheiro-arquiteto do Departamento de Produção e Trânsito de Goiânia, Inspetor de Estradas de Rodagem do Estado, Secretário de Estado da Economia Pública. Ainda, procedeu ao levantamento topográfico de quadras e lotes da nova Capital e esteve à frente de todas as obras da Arquidiocese de Goiânia, incluindo-se as da Catedral Metropolitana, Colégio Ateneu D. Bosco (projeto e construção), convento dos Padres Redentoristas e Colégio Santo Agostinho. Mais conhecidas são as já mencionadas edificações do Teatro

<sup>8</sup> Relatório do pedido de funcionamento, op. cit.

<sup>9</sup> FREITAS, José Alves de. Professor: Apresentação. Goiânia: Escola Técnica Federal de Goiás, [s.d.]. Mimeo.

Goiânia, Coreto da Praça Cívica e Igreja Imaculado Coração de Maria e, anexa a esta, a residência dos padres claretianos. Para essa congregação, desenvolveu gratuitamente vários projetos no interior de Goiás, São Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais. Segundo o Prof. José Alves, o Dr. Jorge construiu a Praça Cívica.

### **Família, Estudos e Trabalho**

Jorge Félix de Souza nasceu na cidade de Goiás, em 15 de janeiro de 1908, filho do cel. Leopoldo Félix de Souza (1878-1965), médico do Exército, e de d. Branca Julieta Artiaga, também filha de militar, ou seja, do casal Jorge Artiaga e Maria Angélica. Ele recebeu na pia batismal, como se vê, o nome do avô materno. Seu irmão, Benedito Félix de Souza, foi também militar, da infantaria do Exército, tendo pertencido à Força Expedicionária Brasileira (FEB) e lutado na 2ª Guerra Mundial. O outro irmão, Euclides Félix de Souza, bacharel em Direito pela Universidade do Brasil, após atuar em Goiás, integrou o quadro docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e alçou-se ao cargo de desembargador do Tribunal de Justiça do antigo Distrito Federal<sup>10</sup>. A irmã Georgina (1906-1966), solteira, residente no Rio de Janeiro, era poliglota e reconhecida como excelente missivista.

O Dr. Jorge graduou-se na Universidade do Brasil, atual UFRJ, como engenheiro-arquiteto. Kursou especialização em Cálculo de Concreto Armado e Resistência de Materiais, tendo trabalhado no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás. Consta ter ele estudado ainda na Alemanha, o que não é fora de propósito, pois seu irmão Benedito era casado com uma moça de origem alemã de nome Ilse Silbert. Como professor, afora os estabelecimentos de ensino acima citados, foi cofundador da Escola Goiana de Belas Artes, instituição católica de ensino superior, na qual lecionava a disciplina Elementos de Perspectiva e Arquitetura Analítica<sup>11</sup>. Foi professor de Geometria Descritiva no curso de Arquitetura, criado na Escola de Belas Artes em 1968. Aposentou-se como professor na Universidade Católica de Goiás. Por essa época, foi-lhe prestada significativa homenagem na instituição onde lecionava. No curso de Arquitetura, teve por colega de magistério o arquiteto Fernando Rabelo. Por esse tempo, o Dr. Jorge costumava usar terno

10 JAYME, Jarbas. *Famílias pirenopolinas: ensaios genealógicos*, v. 3. Pirenópolis: [s.e.], 1973, p. 94-95.

11 ESCOLA DE BELAS ARTES. *Anuário II: Universidade (Católica) de Goiás, Goiânia*, p. 43, 1961.

de linho branco, condizente com a temperatura de Goiânia e, sempre, levava nas mãos um guarda-chuva, para proteger-se do sol. Agora, para ir ao trabalho, pegava carona, na porta de casa, com o Prof. Fernando Rabelo.

Extramuros da sala de aula e do *métier* de engenheiro-arquiteto, cultivava o gosto pela música, pelas belas artes e pela literatura, possuía rica biblioteca. Poliglota, dominava o alemão, francês, italiano e espanhol. Era pintor, ilustrador, poeta e charadista. Jarbas Jayme e seu filho José Sisenando Jayme (este, colega do Dr. Jorge no magistério secundário e superior) o consideravam um “pintor retratista de valor” (1973, p. 94). A consagrada artista plástica, já nonagenária, Goiandira do Couto, em depoimento (2/8/2009), reportou-se aos quadros pintados pelo Dr. Jorge, elementos de decoração de sua (dele) casa, frisando a excelente qualidade dessa sua arte. Ele e d. Doraci Rodrigues de Bessa não tiveram filhos, mas criaram e educaram a sobrinha Neusa Moraes. Pelas mãos do Dr. Jorge, que a orientou no caminho das artes, Neusa Moraes veio a notabilizar-se como escultora. Entre suas obras estão: um Imaculado Coração de Maria incrustado em nicho na fachada da residência dos claretianos, e, no hall desta, dois pedestais em madeira; o busto do papa João XXIII, no Hotel Umuarama, o monumento das Três Raças, na Praça Cívica. É de Neusa Moraes a escultura do fundador de Goiânia, Pedro Ludovico Teixeira, montado a cavalo, que durante muitos anos aguardou destinação por parte das autoridades responsáveis pelo setor cultural da capital. Neusa Moraes em Goiânia, passando dificuldades, pois suas economias ela as destinou para cobrir custos da estátua equestre. Além de artista plástica, Neusa Moraes seguiu os passos do tio no magistério. Na década de 1970, várias vezes viajamos juntas à cidade de Goiás, sempre no meu carrinho TL. Nesse tempo, eu desenvolvía pesquisa para uma tese de doutorado, e ela lecionava na Escola de Belas Artes Veiga Valle, fundada na administração do prefeito Jerônimo Carvalho Bueno, por instâncias de Goiandira do Couto – a artista dos quadros pintados com areia –, da escultora Maria Guilhermina e do pintor Octo Marques, entre outros<sup>12</sup>. Algumas vezes, a Profa. Neusa e eu fazíamos parada na estrada para visitar uns parentes dela, moradores na zona rural e para

---

<sup>12</sup> Os nomes dos fundadores da Escola de Belas Artes Veiga Valle, da cidade de Goiás, foram indicados pela pintora e professora Goiandira do Couto, assim como as referências sobre Neusa Moraes relativas aos seus últimos anos de vida. A epigrafada escola municipal encontra-se em funcionamento ainda hoje.

os que ela dispensava dedicada atenção. Pelo trabalho exercido naquela escola, recebia apenas uma gratificação, por obra e graça de providências da também professora Goiandira do Couto.

Depois de aposentar-se, o Dr. Jorge Félix de Souza dedicar-se-ia, como ministro da Eucaristia, à Igreja Imaculado Coração de Maria, situada a alguns metros de sua casa. De manhã cedo abria a porta da igreja para a entrada dos fieis, preparava o altar e auxiliava na celebração da Missa, quando necessário, terminada esta, recolhia os objetos a seus lugares. Durante o dia, ou a qualquer hora, ministrava a comunhão para doentes nos hospitais, e encarregava-se da preparação de pais e padrinhos para o sacramento do batismo<sup>13</sup>. Numa manhã de 1983, ao levantar-se bem cedo, como de costume, caiu derrubado por colapso fulminante. Não mais respirou. Abrir a porta da igreja, daí por diante, seria do encargo de outrem. Pelo trabalho que executou gratuitamente em favor de obras religiosas, lhe foi concedida (30/10/1956), pelo papa Pio XII, a comenda de Cavaleiro da Ordem de São Silvestre. Ajusta-se, como luva, a Jorge Félix de Souza as palavras que ele exarou no prefácio de *Explosões íntimas*, de Aulus Araújo (Campinas/ Goiânia: Editora Rio Bonito, 1974, p. 4):

Seu rosto reflete uma alma simples e bem formada, dessas que jamais torcem para caminhos escusos. É honesto e sincero. É um espírito que se alinha no bem pelas mesmas razões que as roseiras dão rosas, e essas qualidades se estampam em sua fisionomia, em seu sorriso e em todos os seus atos.

Jorge Félix de Souza não fez fortuna, nunca comprou um automóvel, mas tinha um sonho, o de publicar um livro. Esse desejo foi postumamente realizado por iniciativa do ex-aluno José Alves, diretor da Escola Técnica Federal de Goiás (1976 a 1985), que também providenciou para que a biblioteca do centenário educandário recebesse o nome de Biblioteca Jorge Félix de Souza. A seu livro de poesias não se poderia dar título mais apropriado: *Vozes do céu e da terra*.

---

<sup>13</sup> As referências ao trabalho do aposentado Jorge Félix de Souza, executado na Igreja Imaculado Coração de Maria, gentilmente, foram fornecidas pelo operoso diácono Antônio Moreno, um expert na construção de móveis sacros e equipamentos elétricos.